



## Lembrar a Guerra em Tempo de Paz

MARIA DO CARMO CASTELO BRANCO DE SEQUEIRA<sup>1</sup>

### RESUMO

Pretende-se com esta comunicação refletir sobre a última obra de Luandino Vieira (*O Livro dos Guerrilheiros*), mostrando como a reconversão da guerra em tempo de paz se transforma, lentamente, numa quase *narrativa* da sonhada construção de um país, transmitida por uma redundância quase lírica, ou pela *quase memória* de um ideal.

### PALAVRAS-CHAVE

Guerra; Paz; Literatura poética; Literatura comprometida

### ABSTRACT

With this communication we aim to reflect on the last work from Luandino Vieira (*O Livro dos Guerrilheiros*-The Guerrillas' book), showing how the war reconversion in times of peace slowly changes into an almost narrative of the dreamt construction of a country, which is transmitted by an almost lyric redundancy or by the quasi memory of an ideal.

### KEY WORDS

War, Peace, poetic narrative, engaged literature

<sup>1</sup> Maria do Carmo Castelo Branco V. de Sequeira. Professora Catedrática, além do quadro, da Universidade Fernando Pessoa. Autora de artigos em Revistas e Actas de Congressos (nacionais e internacionais) sobre literatura portuguesa dos séculos XIX e XX; de entradas em Dicionários Específicos (*Dicionário das Metalinguagens da Didáctica*) e de livros, como *Prosas Bárbaras. A Germinação da Escrita Queirosiana* e *A Dimensão Fantástica na Obra de Eça de Queirós*. Para publicação: *15 Dias de Febre (autobiografia ou os Limites da Ficção)*. Contacto mcse@ufp.edu.pt.

Assim foi que fomos homens: guerrilheiros;

Assim foi que ficámos - ossos dispersos

(Luandino Vieira)

Numa recente crónica na “Revista” do *Expresso* (“Auschwitz, Manual de Instruções”), Clara Ferreira Alves citava e chamava a atenção para uma frase de George Santanaya, “Os que não recordam o passado estão condenados a repeti-lo” e terminava com uma advertência: “Esqueçam-se da ideia de jantar fora, se visitarem Auschwitz. Se saírem de lá e forem comer, beber e rir, é porque esqueceram. É porque não recordam o passado. E estão condenados a repeti-lo. (Revista *Expresso*, 12 /03/11).

Subitamente, e com a mesma (ou maior) força, releio as palavras de John Donne que surgem como epígrafe, ou como um dobre, ou como uma resposta que cobre o título e todo o livro de 1940, de Ernest Hemingway – esse extraordinário relato, ou romance, ou denúncia do absurdo e trágico da guerra:

Nenhum homem é uma ILHA isolada; cada homem é uma partícula do CONTINENTE, uma parte da TERRA; se um TORRÃO é arrastado para o MAR, a EUROPA fica diminuída, como se fosse um PROMONTÓRIO, como se fosse a CASA dos teus amigos ou A TUA PRÓPRIA; a MORTE de qualquer homem diminui-me, porque sou parte do GÊNERO HUMANO. E por isso não perguntes por quem os sinos do-  
bram; eles dobram por ti.

Antes, exatamente em 1937, a mesma sensação com a *Guernica* de Picasso – sensação transmitida, não por palavras, mas por um friso a preto e branco que orienta e arrefece o olhar com o horror da destruição que narrativiza.

No corpo textual de *Guerra e Paz* de Tolstoi, *outra verdade*, determinista e antitética às anteriores, exposta na conclusão ensaística da obra – a de que a história não é feita de movimentos descontínuos, mas de um contínuo absoluto que comanda *fatalmente* o movimento, num absoluto determinismo que tanto pode conduzir para a felicidade como para a tragédia, já que (e, segundo o autor) aquilo que aconteceu na guerra napoleónica era tão inevitável como “quando, no Outono, as abelhas se chacinam mutuamente”. Se conduziu a um retorno à paz, foi a um débil e sem livre arbítrio retorno – o gesto da mesma inevitabili-



dade que explica tanto o avanço como o recuo e também, conseqüentemente, a derrota do exército de Napoleão, na invasão da Rússia:

Os quinze primeiros anos do século XIX na Europa apresentam o espetáculo de um extraordinário movimento de milhões de homens que, abandonando as suas ocupações habituais, se precipitam de um extremo ao outro da Europa, pilhando, matando, vencedores aqui, desesperados ali. (...). Qual é a causa deste movimento, ou, pelo menos, quais são as suas leis? (Tolstoi, *Guerra e Paz*, 3º vol. p. 8)

Mais adiante procura responder, encontrando a razão que (para ele) justificaria a História:

Para descobrirmos as leis da história, devemos substituir completamente o objecto do nosso exame, pondo de lado reis, ministros e generais e passando a observar os elementos homogêneos e infinitesimais que influem nas massas. Ninguém sabe até onde o homem conseguirá ir, seguindo este método, na busca das leis da história, mas é evidente que este método é o único possível se queremos alcançar aquelas leis. (Tolstoi, *Guerra e Paz*, 3º Vol. p. 9)

E termina, concluindo também e em simultâneo, o ensaio e a obra que o explica ou é, por ele, explicada:

... Ao descrever os acontecimentos históricos de 1805, 1807 e, sobretudo, de 1812 [...] não pude atribuir importância aos actos dos homens que julgaram dirigir esses acontecimentos, mas que contribuíram menos para eles do que todos os outros intervenientes. A sua actividade só me interessou como ilustração dessa lei da fatalidade que, segundo a minha convicção, rege a história, e dessa lei psicológica que leva o homem que realiza o menos livre dos actos a engendrar toda uma série de raciocínios tendentes a convencê-lo da sua liberdade. (Tolstoi, *Guerra e Paz*, 3º vol., p. 455)

- Quatro textos diferenciados, quatro caminhadas, num sentido não cronológico, mas crescente, que nos fazem chegar a Luandino ou que talvez expliquem e discutam as duas fases da obra de Luandino ou, se quisermos, o único sentido da obra de Luandino, durante e depois da guerra pela independência de Angola.

Quatro textos estes que permitem entender (ou tentar fazê-lo) o regresso à escrita do autor de *Luuanda*, através da trilogia anunciada, mas não concluída, onde, por íntima relação, se reforça a importância da literatura, enquanto memória, enquanto *substituição* – espécie de rio latente continuando a mesma corrente que o impelia antes da independência, porque (como diz o autor de *Velhos Guerrilheiros*) “águas profundas são as palavras dos poetas; e mesmo se a transbordar, é para fazer *capopas*<sup>2</sup> onde se pode beber de sabedoria” (*Livro dos Guerrilheiros*, p. 13).

Antes, porém, de entrarmos verdadeiramente em Luandino, ainda uma referência (outra) talvez distanciadamente contextualizante: a nova visão do processo de independência da nossa antiga colónia, através de uma revisão histórica que vem contrariar – ou re-organizar? – a tese de Tolstoi. Refiro-me a um estudo de Tiago Moreno de Sá, *Os Estados Unidos e a Descolonização de Angola*, (1911) – estudo aturado, baseado, em grande parte, na documentação dos arquivos norte-americanos sobre o assunto e que procura defender e demonstrar (contra a opinião de Almeida Santos) que, no contexto da Guerra Fria entre a Rússia e os Estados Unidos, a descolonização não foi o que os movimentos armados angolanos quiseram que fosse, mas uma espécie de consequência de um “Vietnam Invertido”, incrementado pelo pedido da intervenção da América feito pelo presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda, e que terminou com “um vento – ou uma mão – a favor” do Kremlin e de Brejnev, aparentemente confirmando a desconfiança dos EU sobre a *neutralidade* de Portugal enquanto ex-potência colonial, evidenciada pelo facto de os militares radicais das forças portuguesas estarem, de facto, a entregar os seus depósitos de armamento em Angola ao MPLA – sinal e força do que se seguiria: a ponte aérea que colocava em Angola cubanos e soviéticos antes da proclamação da independência.

2. Qual então o papel não só iniciático como de resistência dos guerrilheiros de que fala Luandino Vieira, através de uma simbólica extremamente poetizada e inquietante, no segundo livro da trilogia *Rios Velhos e Guerrilheiros*? Trilogia, afinal, aparente porque, segundo o autor, já não irá contar com o terceiro e último



livro<sup>3</sup> - que deveria chamar-se *Ela<sup>4</sup> e os Velhos* – segundo proposta e afirmação que o autor havia feito em 2006.

Que sentido pode dar, desde já, à falência desse triângulo perfeito que, conjuntamente, poderia representar a unidade agora vivida na paz e na afirmação de Angola como país democrático e perfeito? Porque não completar os três círculos – essa ordem necessária e representativa da totalidade ou da síntese – esse olhar histórico ou meta- histórico sobre o seu país de essência – o seu autêntico e amado país? Poderíamos ainda acrescentar, ampliando a dúvida: Por que motivo, realizado o sonho, regressou o escritor “angolano” a Portugal, se isolou “na montanha, na fronteira com a Galiza” e deixou de escrever (ou de publicar) durante 30 anos?

Deixemos suspensas estas questões e voltemos à primeira pergunta, procurando, num círculo, completá-la: Qual o elo primeiro e estruturante que liga os dois ângulos da trilogia anunciada, *Rios Velhos* e *O livro dos Guerrilheiros*?

Começemos pelo primeiro livro, tentando encontrar nele a fonte dessa ligação: Numa entrevista à Revista “Atual” do *Expresso*, o autor dá uma extraordinária resposta à jornalista Cândida Pinto, quando esta lhe perguntava: “Em que rio nasceu este livro dos rios”? Depois de recordar uma primeira viagem de barco, aos 9 anos, com o pai e o mestre (também português) que fazia a subida do rio Kwanza até o Dondo e depois ainda de recordar o seu próprio trabalho na bargagem de Cambambe, o escritor, de forma interessante e (eventualmente sem o pretender) ambígua na relação histórica, refere-nos:

O rio Kwanza esteve sempre na minha vida. Fiz este livro com a ideia de mostrar esse rio. É uma espécie de rio de unidade nacional e tem uma carga histórica muito grande, porque foi a primeira via de penetração da conquista portuguesa. Paulo Dias e depois outros governadores navegavam através do rio Kwanza, até à povoação

3 Em entrevista a *Público*, de 1 de Maio de 2009, a propósito da publicação de *O Livro dos Guerrilheiros*, Luandino confessa que não escreverá o 3º livro. Têria antes a expectativa de escrever uma espécie de *História de Angola*, partindo do que aprendeu na sua prisão no Tarrafal.

4 Qual o possível referente deste anafórico: Angola? A guerrilha?

ção de Massangane, que chegou a ser a capital de Angola. É um rio que tem carga simbólica e mítica muito grande, pelo menos no meu imaginário. (*Expresso*, 2006)

O ritmo histórico/simbólico é então dado ou derivado de uma base geográfica que tem o rio como sangue originário (pelo desenho de um corpo nacional talhado na terra) e – derivando desse continente para os guerrilheiros – forças latentes, de cuja voz, capturada pela memória e “funda como a água desse rio”, escorre a guerrilha, numa espécie de “vivência em movimento”. É nessa memória (“sangue do tempo”) que se cruzam os guerrilheiros pela voz de um só, Diamantino Kinhoca que, repetindo Camões e, através dele, Homero ou os aedos que o precederam ou o mais tardio Virgílio, com eles vai ensaiando e começando o canto épico de heróis paradigmáticos:

Cantarei o herói, o que sempre exemplificou seu povo, vida, morte e luta, o dos cinco combatentes [...] (p. 13)

Cantei, então, o herói dos cinco combates, aquele que, antes de nenhum outro, banido pelo colonialismo, veio dessas margens do rio Úkua (...) conduzindo o povo para as matas do Norte. (p. 25);

Palavras emblemáticas que repetem os *incipit* de todas as histórias dos heróis, com variações intertextuais e genológicas, imitando as epopeias antigas, mas também utilizando muitos outros processos da literatura oral, tradicional: repetindo a fórmula de história para crianças; moralizando, como na fábula, e mesmo fazendo a intrusão do contador de histórias que também o era Kibiaka; repetindo ou brincando com o plágio (dele? Ou de Ndiki Ndia, o comandante amado?) do poema de Goethe, transladado noutra música para a boca de kene Vua. Por vezes, ainda, numa espécie de 3º nível narrativo, intercalando um título interno de uma história intradieética. Vejamos alguns exemplos destes formatos singulares, mas idênticos na sua função:

Era uma vez um menino de mau coração chamado Makongo. Ia para a escola. Encontrou uma bicicleta. (p. 28)

Se a morte do homem que, cansado de humilhação, envereda pelo caminho certo, pode acelerar a mudança de uma justiça velha e injusta para uma injustiça nova mas justa, então aqui, neste livro e devida vénia, tenho de falar vida e morte e fama do camarada Kibiaka, herói da nossa região. (p. 41)



De fama, então. Estórias que dele contaram-me. Umas, até para dormir crianças serviam; outras nem o mais velho pode duvidar. Como esta:

HISTÓRIA DE COMO OS PASSARINHOS DÃO POESIA DE LUTA. (p.43)

Conheces tu a terra onde que brilham, na verdescura folhagem, as laranjas de ouro? E, pelos morros, nas encostas, arde a neve nos cafezeiros em flor?<sup>5</sup> (p. 59)

É assim, com estas versões renovadas da *Proposição* Clássica, que se iniciam as estórias de alguns daqueles que teriam construído (anonimamente) as bases da independência, misturando no canto do narrador, a voz longínqua dos nomes de Kakinda e de Makongo, o Mau Pássaro e do duo Zapata (“melhor dizendo, Ferrujudo e Kadisu”) e de Kibiaka, o Parabelo (“ambicioso” afinal só de uma coisa – de vir a ser um dia um homem livre) – aquele que falava a sua poesia de luta através da imitação do assobio dos pássaros, aquele que o autor transferiu, por procedimento autotextual, de *Nós os de Makulusu* para a voz do narrador deste livro – transferência acentuada pelo autor Luandino, em zona franca, paratextual – estranhando que uma personagem visionada por si em sonhos, quando estava na prisão do Tarrafal, surgisse agora como guerrilheiro real na narrativa de Ken Vua – facto que este achou perfeitamente natural e explicável – como uma espécie de aviso do que aconteceria<sup>6</sup>.

Longe, muito longe destes verdadeiros heróis e apresentado por Kene Zua, num frente a frente simbólico, surge, **para melhor vincar a diferença**, e separado (por processo temporal discursivo mas dentro do mesmo texto) **do quarteto de heróis desaparecidos ou mortos** – surge, dizia, o outrora guerrilheiro Kizuua

5 Vejamos, em tradução portuguesa, passos próximos do poema de Goethe:

Conheces tu a terra onde os limoeiros florescem  
Onde no meio da escura folhagem  
As laranjas douradas brilham?.

(Kennst du das Land, wo die Zitronen blühen  
Im dunkein Lamb die Gold- Orangen glühn?..)

6 “Quando ouvi, pelo ex-guerrilheiro Kene Vua – o meu amigo Diamantinho kinhoca, o Kapapa – esta biografia, apressei-me a ler-lhe, do meu livro *Nós os de Makulusu* umas passagens referentes a uma personagem. Chamava-se igualmente Kibiaka. Tinha-me surgido em sonhos, no Tarrafal de Santiago, Cabo Verde, naquela semana do ano de 1967 em que todas as noites me apareciam os factos ou as palavras que davam origem, no dia seguinte, à escrita (...). Conteí tudo ao Kapapa. Ele me olhou, assanhado com a minha dúvida e ripostou sem pestanejar: «E qual é, ò branco?!... O quilulo do avô dele t’avisou nos sonhos. Te confiou entanto que escritor...»

Kiezabu, e agora *general* Kimbalanganza (o que subsiste e enriquece depois da independência – o que andara pelo estrangeiro e agora “vivia em muitas casas: na cidade, nos subúrbios, nas ilhas do Mussulo”, e “só não aceitava de formar *quimbo*<sup>7</sup>, com família” – isto é (traduzindo a voz revoltada), aquele que se adulterara e perdera a pureza inicial de autêntico guerrilheiro, o que se pervertera ou pervertera o acto de revolta com que começara a luta, aquele que justificara ou precipitara a *tentativa de suicídio* de Makongo, saído a voar de um terraço, como pássaro grande, gritando, ironicamente, o seu nome (não por acaso) de Kinjila Kadimbula, (“o forasteiro em terra alheia”).

Está no narrador Kene Zua (o que fora o menino Kapapa) – o conhecedor dos rios, aquele “que também era um rio” e de cuja profundidade herdara também a raiva” – está neste narrador Kene Zua, dizia, o outro ponto de ligação com o livro anterior. De facto, a fala do guerrilheiro ressoa nos dois livros como uma continuidade, mas também como uma marca do desvio – aquela constante figura simbólica que se pergunta, entre a amargura e a esperança, se os guerrilheiros estão mortos, desaparecidos, ou poderão voltar...

Voltemos aos elos da relação dos dois livros da trilogia: o primeiro, como verificámos já, centra-se nos rios que traçam e dão vida (o sangue) ao corpo do país. O segundo fixa-se no narrador – a voz primeira que fala da geografia e, depois, dos homens, dos guerrilheiros que escutam as vozes ancestrais (como a da rainha Jinga<sup>8</sup>) e cantam os rios, como um hino – como força motora e eternamente renovada:

É como se navegássemos em teu nome, ó rio

E vagamente acordassem nossas pupilas em tuas águas de sono ...

7 Em kimbundo, “pequena povoação, aldeia”

8 Não são ocasionais as dedicatórias do 1º livro, como chama a atenção Salvato Trigo, em 15 de Dezembro de 2006, na recensão a esta obra, com elas fazendo derivar, para este livro três tempos ou três “importantes dimensões” temporais: o do Tarrafal (o local do escritor e da escrita iniciática), o de Njinga Mbandi, a rainha da Matamba e do historiador António de Oliveira Cadornega (o iniciador da *História Geral das Guerras Angolanas*). Finalmente, mais próxima do autor, “*a retribute*” ao poeta americano negro, Langston Hughes, “um dos pilares duma nova poética alicerçada na consciencialização duma americanidade negra...”



Ou em teu nome, ó rio,  
Nossos rios ecoassem a inchada água do esquecimento  
Ó rio amado, rio eterno!  
Também em nosso sangue, ó rio  
Tuas águas ferozmente rugiram.

Ó rio amado, rio eterno!  
Do fundo das nossas almas clamavam as águas.

De novo lutaremos (*O Livro dos Guerrilheiros*, p. 16).

Não um narrador qualquer, mas um narrador homodiegético que, sendo guerrilheiro, era também um rio e com ele se fundia: “Eu Kene Vua, guerrilheiro, digo mais: também eu, sou um rio” (*O Livro dos Rios*, p. 21).

3. É essa íntima ligação da terra e do homem que cria a unidade – unidade desenhada pluralmente (por linhas e palavras) no último, extraordinário e genologicamente miscigenado capítulo (épico, trágico e lírico) de *O Livro dos Guerrilheiros*, sob título específico: “Nós, a onça”<sup>9</sup>. Paradigma de um país, “onça ferida, perseguindo teimosamente o seu trilho de muitos séculos”.

Será, no entanto, sonho ou realidade, essa unidade, essa vontade intacta da liberdade tão fortemente desejada? É essa pergunta que ressoa na saída do texto – pergunta que poderá justificar também outra fuga ou *peregrinação* (num discurso transferido de outros discursos cruzados, onde se impõe, como a solo, a conhecida voz de Fernão Mendes Pinto) e que inclui, igualmente, outro retorno: um falso (temporário?) regresso do autor a Portugal, como um intervalo na sua escrita e também na vida.

<sup>9</sup> Quase impossível não lembrar Guimarães Rosa – o autor que lhe emprestou o movimento da escrita e o da língua, configuradoras de uma outra e necessária revolução (a da língua *mestiça*) – lembrá-lo, diria que, por antítese, sobretudo, no conto “Meu tio, o iauareté”, na sua estranha, mas profunda simbologia.

Ouçamos primeiro Kene Vua, na sua fábula, onde o autor, que parece julgar, se confunde com o narrador<sup>10</sup>:

Quando às vezes, ponho diante de meus olhos aos grandes erros e tribulações, aos muitos sofrimentos que por nós passaram e vejo a figura de tantas vidas, e não menos mortes, no livro da nossa luta, pergunto saber: vivem nossos mortos, se vivos os vejo em meus sonhos?

E se duvido mais, sendo eu mesmo ex-guerrilheiro Kene Vua, é porque nossa luta de libertação estava assim como um sonho – sonho onde nos sonharam todos no sonho de cada qual. Sonho nosso era de uma onça ferida, perseguindo teimosamente seu trilho de muitos séculos, por matas e morros demarcados a sangue e luta. (p. 97)

Ouçamos agora (em paralelo, directamente e sob o seu *próprio* nome) Luandino Vieira, em passos da entrevista a Michel Laban (1988)<sup>11</sup> depois da pergunta feita ao que foi “Secretário Geral da União dos Escritores Angolanos”:

**Pergunta:** Que pensas da literatura angolana desde a independência? Consideras este período como um período de crise? – uma crise que se explicaria pela inversão do papel do escritor antes e depois da independência: ele já não luta com um sistema, mas está associado a um processo de reconstrução...

**Resposta:** “Eu concordo com a ideia de crise durante estes anos, e permanência dessa crise [...] Por outro lado não concordo com a tua ideia da inversão do papel do escritor: Para mim, claramente, o papel do escritor é o mesmo: o papel de um escritor em qualquer sociedade é ser, realmente, a consciência crítica dessa sociedade...

**E mais adiante:** ...Quando, depois de 80, esses escritores regressam à escrita – regressam qualquer que seja a trama ou enredo ou mesmo a forma –, regressam sob a forma de meditação: não do momento presente, do momento da crise, mas como

<sup>10</sup> Podemos introduzir aqui a noção de “intrusão do narrador, numa verdadeira representação ideológica, formulando autênticos juízos de valor. No fundo, aquele narrador que Oscar Tacca designa como fautor: “alguém que não fala, que não conta, mas que julga: o autor” (1983, p. 36)

<sup>11</sup> Laban, M. Angola – Encontro com Escritores. Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1º Vol. pp. 411 -431



resposta à crise, sob forma de meditação de um passado ainda mais antigo do que aquele que dava origem às suas obras no tempo colonial.

**Hoje parece-me** que a linha fundamental de desenvolvimento da literatura angolana é a interrogação sobre a questão da nacionalidade...

**Mais à frente, perante a interrupção do entrevistador:** “Não falaste da atitude do poder em relação ao escritor”:

A atitude do poder... Também é uma atitude que se vai tornando cada vez mais ambígua da coincidência escritor-cidadão. Numa fase em que o poder também era, digamos um cidadão-coletivo, não havia nenhum motivo para distâncias nem ambiguidades. A partir do momento em que a frustração se apodera do escritor – repara que afinal não resolveu os problemas e que não dava nada para ministro, ou coisa assim... – o cidadão-coletivo também se dá conta disso...

**Finalmente:** Voltar a escrever nestas condições? *Nunca*. Porque nunca encontrei ... Agora há dias – por exemplo certos fins-de-semana, sábados e domingos –, em que, deliberadamente, não saio de casa nem vou à rua, fico por aqui, enfrentando a irritação de toda a gente... Repara: não há quem leve o barco, não se pode ir ao Mussulo [...] Quando começo a pegar num livro, ler uma coisa e ponho de lado, e vou lendo outra... Quem me vir, pensará: «este tipo não sabe o que é que quer ler! Não pára, não se fixa em nada...» Não é nada disso. É que, muitas vezes estou a ver coisas que se estão a misturar com o que se está a passar... Outras vezes, não sei, dou comigo a olhar para a minha mangueira!

Concluamos agora nós também: No início da leitura destes dois livros de Luan-dino deparámo-nos com uma espécie de caos não significativo onde foram começando, lentamente, a cruzarem-se dúvidas e a desenharem-se sombras de algumas possíveis certezas. Com estas fomos caminhando e foram elas que encontraram (ou *foram contra*) estes dois fragmentos. Está, de facto, neles e na sua aparente ambiguidade tudo o que nos permite deduzir ou *verificar* uma ideia que percorre a escrita: a ideia de que não há paz para o escritor (para este escritor). Apenas o seu simulacro.

Na criação fictícia de Ken Vua, este sonha com a guerra, melhor dizendo, com a pureza dessa guerra imaginada, na sua força e aparência natural, inata, incorruptível. Espaço de um sacrifício, mas espaço também de uma expectativa ou quase certeza. Nunca, porém, o lago estagnado da aparente paz, isto é, da *paz* sequente e contraditória.

Depois disto, portanto, só o silêncio ou o retomar da História de Angola (essa Angola mais antiga e profunda do que aquela que nos deixou marcada nos seus livros), mas retomar para de novo parar, quando as ilusões do Tarrafal, ou dos motivos que impulsionaram a sua prisão, entrarem de novo na paz podre do “*atualmente na vida*”, só tendo “como resposta à crise, a meditação de um passado ainda mais antigo do que aquele que dava origem às suas obras no tempo colonial”.

## **Bibliografia**

- ALVES, C.F. (12/03/11): “Auschwitz, Manual de Instruções”, *Expresso*, 12//03/11.
- HEMINGWAY, E. (s/d) [1940]: *Por quem os Sinos Dobram*. Lisboa, Livros do Brasil, s/d.
- LABAN, M.. (1991): Angola, “Encontro com Escritores”. Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1º vol.
- SÁ, T.M. (2011): *Os Estados Unidos e a Descolonização de Angola*. Lisboa, Leya/D. Quixote,
- TACCA, O. (1986) [1978]: *As Vozes do Romance*. Coimbra, Almedina.
- TOLSTOI, L. (1979) [1865 / 1869]: *Guerra e Paz* (3 vol.). Círculo de Leitores.
- TRIGO, S. (15 /12 /06): “A Escrita do Reencontro”, “Mil Folhas”, *Público*.
- VIEIRA, J.L.  
(1974): *nós os de makulusu*. Lisboa, Sá da Costa.  
(2006): *O Livro dos Rios*. Lisboa, Caminho.  
(2 /12 / 06): “Entrevista” a Cândida Pinto, “Actual”, *Expresso*.  
(2009): *O Livro dos Guerrilheiros*. Lisboa, Caminho.  
(1/ 5 /09): “Entrevista” a P2, *Público*.